



Bianca Bianchi, uma mulher do século XX

Roseli Boschilia - UFPR

Introdução

Escrever a biografia de Bianca Bianchi não é uma tarefa simples. E esta dificuldade, é preciso destacar, não está relacionada à ausência de documentos. Pelo contrário, a Fundação Bianca Bianchi disponibiliza farta documentação, devidamente tratada e organizada, a pesquisadores e demais interessados em conhecer a trajetória dessa artista paranaense. Neste acervo, além de documentos oficiais, partituras, fotografias, programas de concertos, cartas e objetos pessoais que pertenceram a Bianca Bianchi, se encontra uma vasta coleção de cartões postais, testemunhando uma das particularidades da artista que era o gosto pelas viagens. Uma passada de olhos em seus caderninhos de anotações evidencia traços de sua personalidade como sendo uma pessoa extremamente organizada e preocupada em manter o controle dos seus bens e de suas finanças. Para exemplificar este controle, podemos citar não só a lista que ela fazia a cada final de ano relacionando os presentes que oferecia e recebia de suas amigas, mas também a relação dos produtos de alimentação e higiene que ela mantinha em sua despesa.

Assim, ao me aproximar da documentação disponível sobre Bianca Bianchi, com a incumbência de escrever sobre sua trajetória, logo percebi que estava diante de uma personagem histórica que teve e cumpriu o desejo de “arquivar sua própria vida”, como nos ensina o historiador Phillipe Artières.

Outra característica perceptível para qualquer pesquisador que se debruce sobre o acervo deixado pela artista é que, do mesmo modo que ela mantinha absoluto controle sobre os seus bens materiais e imateriais na vida cotidiana, ela também tinha intenção de continuar controlando a história que seria contada sobre ela.

Um dos primeiros aspectos nebulosos sobre sua vida começa com a sua data de nascimento. Se levarmos em conta a documentação e mesmo a bibliografia disponível, a data correta seria 1907. No entanto, ao confrontar os documentos oficiais com as narrativas de Bianca acerca da sua idade em outros momentos de sua vida, pode-se concluir que ela nasceu, de fato, em 1904.

Outro enigma diz respeito a sua vida amorosa. Embora ela assevere nunca ter se casado, as cartas revelam a existência de vários relacionamentos afetivos, inclusive um casamento, sobre os quais ela nunca falou publicamente.

Nas cinco autobiografias escritas em diferentes momentos da sua vida, ela sempre se coloca como uma mulher que, embora tenha sido muito cortejada, preferiu abrir mão do casamento e dos filhos para se dedicar exclusivamente à profissão.

É certo, no entanto, que sua mãe, na companhia de quem ela passou a maior parte da sua vida, teve um papel preponderante não só na sua carreira, mas sobretudo na sua forma de ver o mundo como um lugar no qual as mulheres poderiam ter protagonismo.

Assim, sem a pretensão de problematizar questões relacionadas à história que Bianca Bianchi gostaria que fosse contada sobre a sua vida, este texto busca, a partir da documentação disponível no acervo deixado por ela, trazer contribuições para refletir sobre o lugar que esta artista ocupou no cenário musical e intelectual paranaense.



Bianca e sua mãe, Giovanina.

Como nasceu o gosto pelo violino

No momento em que Giovanna Baldisseri e seu marido, Eduardo Bianchi, decidiram registrar a segunda filha com o sonoro nome de Bianca Bianchi, talvez não imaginassem que ela se tornaria uma musicista de renome.

Em 1904, quando Bianca nasceu, seus pais, ambos imigrantes italianos, moravam na cidade de São Paulo. Ele, nascido em Milão, era técnico na área de indústria mecânica. Já a mãe, natural da província de Toscana, mais conhecida como Gina, era poetisa e pintora, diplomada pela Escola Superior de Verona.

Por volta de 1910, o casal decidiu sair de São Paulo. Acompanhados das duas filhas menores, permaneceram inicialmente na cidade de Ponta Grossa, onde os pais de Eduardo residiam. Nesta cidade, Bianca iniciou os seus estudos e fez a Primeira Comunhão. Em 1914, no entanto, a família decidiu se radicar na capital paranaense. Nessa época, graças à expansão da economia da erva-mate, Curitiba tornara-se um pólo de atração para muitos descendentes de imigrantes, oriundos dos estados de Santa Catarina e de São Paulo, interessados na abertura de novos postos de trabalho, sobretudo no setor de serviços.



Fábrica têxtil de Eduardo Bianchi em São Paulo-SP.



Praça Generoso Marques (atual) com o antigo Mercado Municipal, ainda sem pavimentação, por volta de 1900.

No momento em que a família Bianchi chegou em Curitiba, todavia, a cidade tinha menos de 75 mil habitantes, que estavam concentrados nos arredores do Largo da Matriz (hoje Praça Tiradentes) ou dispersos pelos bairros ou colônias que ficavam às margens dos antigos caminhos que davam acesso ao interior do estado. Foi somente a partir de algumas mudanças promovidas pelo engenheiro Cândido de Abreu, que assumiu a administração municipal em 1913, que a cidade ganhou uma fisionomia mais moderna. Além da construção do Paço Municipal no local onde funcionava o antigo mercado público, nas proximidades da Igreja Matriz, a prefeitura passou a investir na substituição dos antigos bondes de mula por modernos veículos elétricos.

Os membros da família Bianchi, entretanto, não dependiam dos serviços de transporte, uma vez que desde a chegada à capital do Estado, passaram a residir em uma área privilegiada, o Largo da Igreja do Rosário [atual praça Praça Garibaldi]. O novo endereço alugado por Eduardo e Gina era um dos andares da ampla edificação, conhecida como Palacete Wolf, que fora construída na segunda metade do século XIX pelo imigrante germânico José Wolf.

Da porta do palacete, em estilo eclético, os novos moradores podiam avistar não só a antiga igreja do Rosário, mas também o suntuoso prédio da Sociedade Garibaldi, onde a comunidade de imigrantes italianos costumava se reunir, com frequência, para participar de eventos culturais.

Em uma das salas deste prédio, onde a família residiu por 42 anos, a mãe de Bianca, D. Gina, instalou um atelier de pintura, onde, com o auxílio de outros professores, ministrava aulas de desenho e pintura para dezenas de jovens da sociedade curitibana. Dentre os artistas paranaenses que frequentaram esta escola merece destaque o nome de Theodoro de Bona, que foi aluno de D. Gina no período entre 1919 e 1927.



Atelier de pintura de Giovanina no Palacete Wolf em Curitiba.

Tendo em vista as relações sociais estabelecidas pela família Bianchi com a sociedade curitibana, é possível perceber que Bianca estava inserida em um círculo no qual o gosto pela música e pelas artes em geral fazia parte do estilo de vida das camadas mais privilegiadas da população. Desse modo, ela e a irmã Maurina cresceram ouvindo os diálogos entre a mãe e as pessoas que frequentavam o seu atelier acerca da importância de uma educação mais ampla, que contemplasse conteúdos ligados à sensibilidade.

Nesse meio social, como se sabe, as residências para além de abrigarem móveis em madeira de lei e reproduções artísticas de paisagens europeias nas paredes, precisavam exibir outros elementos que evidenciassem o seu lugar diferenciado na sociedade. Neste cenário, o piano, bem como uma pequena estante contendo obras literárias e alguns retratos, ocupavam lugar de destaque no ambiente doméstico.

A escola que Bianca e a irmã frequentavam ficava ao lado da residência da família Bianchi. Para chegar aos portões do Divina Providência, escola dirigida por uma congregação católica, voltada exclusivamente ao gênero feminino, a distância a ser percorrida pelas duas irmãs era menor do que cinquenta metros. No interior da instituição, além do aprendizado das disciplinas que compunham o currículo obrigatório, as alunas também recebiam aulas de desenho, pintura, canto e solfejo.¹

A preocupação com uma educação de caráter mais amplo, que contemplasse conteúdos associados ao campo da arte, era perceptível não só nos programas escolares, mas também na oferta de cursos dedicados especialmente ao ensino da música e da pintura. Cabe lembrar que o Paraná já dispunha de uma escola especializada nessa área desde a década de 1880. Fundada pelo professor Mariano de Lima, inicialmente como Escola de Desenho e Pintura, esta instituição recebeu mais tarde o nome de Escola de Belas Artes e Indústrias do Paraná. Em 1895, de acordo com Santana (2004), para além dos cursos voltados para o aperfeiçoamento das “artes industriais”, como os de marcenaria, ferraria, carpintaria e decoração de casas, a escola oferecia cursos de desenho artístico, artes plásticas, arquitetura, escultura, pintura e música. O curso musical era ministrado desde 1893 e os alunos depois de aprovados em leitura e caligrafia de música, solfejo e piano, passavam para o Grêmio Musical Carlos Gomes, na qualidade de sócios, devido a um acordo recíproco entre os dois estabelecimentos (SANTANA, 2004 p. 43). O músico paranaense Bento Mossurunga, nascido em 1879, estudou na escola de Mariano de Lima e foi um dos frequentadores do Grêmio Musical Carlos Gomes.

Porém, após Mariano de Lima ter deixado a direção da escola, em 1902, a instituição teve a sua orientação alterada. A partir de 1917, já com o nome de Escola Profissional Feminina, passou a atender ao público feminino interessado na aprendizagem de prendas domésticas (FREITAS, 2011, p. 70).

Desse modo, a partir daí, as famílias que desejassem ampliar os conhecimentos dos seus filhos na área da música ou da pintura, precisavam recorrer aos serviços oferecidos por professores particulares, como ocorria com os alunos que frequentavam o atelier do artista Alfredo Andersen ou de sua concorrente Gina Bianchi.

Assim, tão logo vieram morar em Curitiba, Bianca e a irmã passaram a ter aulas de violino com um destes professores particulares, o músico Ludovico Seyer, muito conhecido no interior da sociedade curitibana.

¹ Solfejar é a arte de saber ler as notas de determinada melodia, marcando os tempos correspondentes a cada nota.



Maurina Bianchi.

Nessa época, a família Bianchi, do mesmo modo que os demais habitantes da capital paranaense, acompanhava, através dos jornais, não só as notícias acerca o conflito do Contestado, que mobilizava tropas em direção ao estado vizinho de Santa Catarina, mas sobretudo as reportagens sobre a I Guerra Mundial, temendo os desdobramentos que o grande conflito bélico poderia trazer à população em geral. E foi justamente no interior deste contexto político adverso que a família Bianchi foi atingida por mais uma tragédia, com a morte repentina de Maurina, então com 15 anos, em decorrência de uma apendicite aguda. Este episódio, de acordo com os relatos de Bianca, afetou profundamente a família, levando sua mãe a um quadro de prostração que a impediu de exercer atividades rotineiras. Diante deste cenário desalentador, Bianca aceitou o conselho do seu professor de violino e passou a se dedicar com afinco ao aprendizado daquele instrumento, com o objetivo de agradar a mãe e deste modo ajudá-la a superar a dor causada pelo falecimento da filha mais velha.

Assim, como a própria Bianca assevera, o seu ingresso no campo da música, longe de estar associado a um dom natural, foi motivado por uma tragédia familiar e pelo desejo de homenagear a irmã.

O ingresso no mundo artístico

Bianca, como a maior parte das jovens de sua geração, foi educada no interior de uma sociedade patriarcal na qual o lugar reservado às mulheres se restringia à esfera doméstica. Neste cenário, marcado por relações de poder, de gênero e de classe, às mulheres cabia exercer, com zelo e dedicação, os três papéis a elas destinados: esposa, mãe e dona de casa. No interior deste modelo social, a probabilidade de uma mulher se profissionalizar no campo artístico ou em qualquer outra área do conhecimento, era considerado como algo excepcional.

Nos livros de história e de literatura aos quais ela teve acesso durante o período de sua formação ginasial, raras eram as mulheres que se destacavam ou tinham alguma participação na esfera pública. Quando muito, ao lado de rainhas e princesas, vez por outra era possível vislumbrar imagens de mulheres oriundas das camadas populares, como Joana D'Arc, por exemplo, que acabou sendo perseguida e morta, acusada de heresia.

Nem mesmo a estreita convivência com a mãe, que se distinguia das demais mulheres de sua época pelo fato de exercer uma atividade profissional remunerada, permitiu que Bianca tivesse acesso à informações a respeito de figuras femininas que romperam as amarras impostas pela sociedade patriarcal e conquistaram espaço no campo da literatura, da arte e da ciência. Somente após chegar à idade adulta, ela teve a oportunidade de conhecer a trajetória de mulheres como Mary Shelley, autora da obra "Frankenstein", que foi publicada nas primeiras décadas do século XIX, com um pseudônimo masculino, ou da cientista Marie Curie que, em 1911, conquistou o prêmio Nobel de Química.



Bianca na 1ª comunhão.

No âmbito local, raramente a imprensa dava destaque às mulheres. Somente eventos considerados excepcionais, como a passagem da balonista espanhola Maria Aída, que esteve em Curitiba em 1909 e a quem se atribui o mérito de ser a primeira mulher a voar num balão no Brasil, eram conhecidos pela população em geral. Em que pese a invisibilidade das mulheres na sociedade paranaense, é importante destacar o protagonismo de algumas figuras femininas como a escritora Marianna Coelho, a professora Júlia Wanderley e Maria Falce de Macedo considerada não só a primeira médica do Estado do Paraná, mas também a primeira mulher a assumir uma cátedra universitária.

No caso de Bianca, embora a música fizesse parte do cotidiano de sua família, ela pouco sabia sobre o protagonismo das mulheres nessa área, pois nos tempos de colégio, os professores davam mais destaque aos nomes dos instrumentos do que aos compositores. Além disso, a maior parte das partituras comercializadas no Brasil eram de autoria masculina. As composições de Chiquinha Gonzaga, por exemplo, eram pouco conhecidas fora do eixo Rio-São Paulo.

Mesmo assim, após a conclusão do curso ginásial, Bianca, sempre incentivada pela mãe, decidiu seguir a carreira profissional como musicista. Em 1917, matriculou-se no Conservatório de Música do Paraná, que havia sido fundado no ano anterior pelo pianista, maestro e compositor suíço-brasileiro Léo Kessler.

No Conservatório, situado na esquina da Rua da Liberdade (atual Barão do Rio Branco) com a Rua do Comércio (atual Marechal Deodoro), Bianca teve a oportunidade de ampliar suas relações de sociabilidade, passando a conviver com pessoas de ambos os gêneros que tinham em comum o interesse pela música.

Ainda que o contexto da primeira guerra e, na sequência, a pandemia da gripe espanhola tenham provocado alterações no cotidiano da população em geral, Bianca relata que, durante o período que frequentou o Conservatório, participava de todos os concertos e eventos teatrais e exposições que ocorriam em Curitiba, sempre acompanhada de seu violino. Por essa razão, ela destaca em uma de suas entrevistas, que era considerada um verdadeiro “arroz de festa”, expressão regional utilizada nas décadas de 70 e 80 para identificar pessoas que prestigiavam eventos culturais em geral.

Ao participar ativamente da vida cultural curitibana, Bianca teve oportunidade de conviver não só com seus pares, que atuavam na área musical, mas também com outras figuras de renome vinculadas à arte e à intelectualidade paranaense. Dentre os nomes que mais aparecem na documentação que compõem o acervo documental de Bianca, merecem destaque o escultor João Turin e o artista plástico Theodoro de Bona.

Assim, tão logo recebeu o título de violinista, ao concluir o curso em 1920, Bianca não perdeu tempo e passou a investir na sua carreira profissional. O primeiro passo foi convidar três colegas do Conservatório para formar um quarteto de violinistas. Além do testemunho deixado por Bianca e de uma única fotografia de estúdio existente no seu acervo pessoal, na qual as quatro componentes foram fotografadas ao lado de seus instrumentos, existem pouquíssimos vestígios sobre este grupo musical.



Maestro Léo Kessler.

A formação do quarteto, para além de favorecer a manutenção dos laços de sociabilidade estabelecidos durante o período de convivência no Conservatório, era uma oportunidade ímpar para que ela e as três colegas continuassem se dedicando ao estudo da música.

A iniciativa foi exitosa, pois, segundo Bianca, desde que a criação do quarteto fora anunciada, o grupo passou a ser requisitado para fazer apresentações em vários espaços culturais da capital paranaense. Dentre estes recintos, ela destaca não só o Teatro Guaíra (antigo Teatro São Theodoro), cujo prédio ficava no local onde hoje está a Biblioteca Pública do Paraná, mas também outros ambientes, como os salões dos clubes Thalia, Clube Curitibano e Concórdia.

A partir da década de 1920, o Paraná, paulatinamente, mostrava indícios mais concretos de sua modernização. A efervescência cultural, alavancada pelos modernistas que estiveram à frente da Semana de Arte de 1922, também teve repercussão no meio artístico e intelectual da sociedade paranaense.

Muitos artistas locais, como Guido Viaro, João Turin, Theodoro De Bona, Zaco Paraná, Lange de Morretes e João Ghelfi, que estavam engajados no Movimento Paranista liderado por Romário Martins, investiram na criação de um estilo próprio que visava a construção de uma identidade regional.

Nas exposições e lançamentos de livros promovidas pelos paranistas, era comum o diálogo entre intelectuais e artistas que tinham interesse em dar continuidade a sua formação. Como sabemos, desde o início da década de 1910, graças ao incremento da economia da erva-mate, a população paranaense já contava com uma instituição de ensino superior, voltada especialmente aos cursos de Medicina, Engenharia e Direito. No entanto, no campo das Artes, desde a reforma ocorrida na Escola de Artes e Ofícios, a partir de 1917, não havia a oferta de cursos acadêmicos para as pessoas vinculadas à área artística. Por esta razão, quem desejasse especializar-se nessa área, deveria obrigatoriamente sair do estado ou do país.

No Brasil, a Escola de Artes e Indústrias do Rio de Janeiro era uma das instituições mais procuradas para o aperfeiçoamento dos estudos, mas o sonho da maioria dos artistas paranaenses era estudar em escolas e liceus artísticos na Europa. Para alcançar este objetivo, uma das estratégias era contar com apoio financeiro de amigos e protetores ou, na melhor das hipóteses, recorrer à subvenção do Estado para custear seus estudos.

Vale lembrar que no caso do Paraná, desde que as bolsas de estudo passaram a ser oferecidas pelo governo, nas primeiras décadas do século XX, os artistas beneficiados pertenciam exclusivamente ao gênero masculino. Esse fato, no entanto, não intimidou Bianca quando ela, interessada em aprimorar seus conhecimentos na área musical, decidiu pleitear uma bolsa de estudos junto ao governo paranaense que tinha como presidente Caetano Munhoz da Rocha.

“Meu sonho dourado era ir para a Europa estudar”

Em 1928, quando Bianca recebeu a notícia de que havia sido contemplada com uma bolsa de estudos, com duração de 4 anos, para dar continuidade à sua formação musical na Europa, ela ficou eufórica. Afinal, antes dela nenhuma outra mulher havia recebido este tipo de auxílio do governo paranaense. Anita Malfatti era uma das poucas mulheres da área artística que Bianca sabia que havia estudado no exterior, pois, de modo geral, quem podia usufruir deste tipo de oportunidade eram sempre os homens. Aliás, fazia pouco tempo que Bianca havia participado do evento de despedida do seu colega Theodoro de Bona, que, graças à concessão de uma

bolsa de estudos, estava matriculado, naquele momento, na Real Academia de Belas Artes de Veneza.

Nessa época, Bianca tinha por volta de 24 anos, mas independentemente da idade, era impensável que uma moça pertencente a sua classe social viajasse desacompanhada. Por esta razão, sua mãe deveria acompanhá-la durante todo o período em que ela permanecesse fora do Brasil. E assim foi feito. Porém, de acordo com a narrativa de Bianca, só foi possível sua mãe acompanhá-la porque o governo paranaense arcou com os custos da sua passagem.

Desse modo, tão logo a família conseguiu se organizar para concretizar o almejado projeto, mãe e filha partiram de trem até Paranaguá, para tomar uma embarcação com destino ao Rio de Janeiro, onde elas embarcariam no transatlântico que as levaria à Europa.



Bianca no Giulio Cesare indo para a Itália.

O fato de Bianca ter sido contemplada com uma bolsa de estudos para estudar no exterior obviamente virou notícia não só nos jornais locais, mas também no Diário do Comércio de Paranaguá, que teceu largos elogios à musicista. A documentação disponível no acervo da Fundação Bianca Bianchi também revela que ela recebeu um convite do presidente do Clube Literário e diretor da Revista Itiberê, Zanon Pereira Leite, para fazer uma apresentação na cidade de Paranaguá antes do seu embarque. Todavia, por alguma razão, a referida apresentação acabou não acontecendo.

O embarque no navio Giulio Cesare também foi amplamente noticiado pelos jornais. O moderno transatlântico, luxuosamente decorado com tapetes vindos do Oriente, além de contar com amplo salão de festas e dispor de cabines muito confortáveis, conseguia fazer o percurso entre o Rio de Janeiro e o continente europeu em 15 dias. Bianca guardou como recordação não só os bilhetes da viagem, como também os menus que eram disponibilizados aos passageiros da primeira classe.

Assim, depois de aproximadamente duas semanas em alto mar, as duas mulheres desembarcaram no porto de Gênova, seguindo de trem até a última etapa do percurso, que era a cidade de Roma.

O período que passou na Itália na companhia de sua mãe, sempre foi rememorado por Bianca como uma experiência extremamente enriquecedora e proveitosa. Ao longo de quase 4 anos que elas lá permaneceram, residiram nas cidades de Roma, Lucca e Belgrano. Segundo ela, ainda que a maior parte do tempo fosse dedicada aos estudos, ambas tiveram oportunidade não só de assistir a dezenas de concertos, mas sobretudo de travar contato com artistas renomados e visitar museus localizados em outras cidades italianas.

Nas cartas que regularmente enviava a seu pai e amigos mais próximos, Bianca também costumava narrar as dificuldades que precisou enfrentar, ao lado da mãe, durante este período. Um dos principais obstáculos foi a interrupção do pagamento da bolsa de estudos pelo governo paranaense, logo após o presidente Getúlio Vargas assumir o poder, em 1930. Essa interrupção temporária, no entanto, não impediu que ambas permanecessem na Itália até 1931, conforme estava previsto.

O retorno ao Brasil e a formação do Trio Paranaense

Em outubro de 1931, quando retornaram ao Brasil, Bianca e D. Gina foram recepcionadas por amigos e familiares com muito entusiasmo. Afinal, após mais de três anos de estudos na Itália, Bianca passou a ser reconhecida no interior da sociedade curitibana e paranaense como uma grande musicista, sendo constantemente requisitada para abrilhantar eventos culturais.

Ao retornar a Curitiba, Bianca retomou suas atividades como professora, atendendo aos alunos e alunas interessados em aprender violino em uma das salas de sua residência. Contudo, o seu maior interesse era dedicar-se a um projeto voltado especialmente à formação de plateia. Após ter convivido com o público que frequentava recitais e participava de audições musicais na Itália, Bianca tinha clareza de que somente a partir da disseminação de conhecimento sobre autores e obras clássicas, era possível despertar o gosto pela música na população em geral. Uma das estratégias para atingir este objetivo, segundo ela, era a formação de um grupo de “Música de Câmara”, que consiste na formação de um grupo instrumental limitado a poucos executantes. O termo câmara, que no português arcaico era utilizado como sinônimo de “sala” ou “quarto”, remete historicamente às apresentações de música erudita que eram realizadas nas câmaras de um palácio. Outra particularidade da “Música de Câmara” reside no fato da mesma ser considerada um dos gêneros mais importantes para os músicos profissionais. Isto porque, ao contrário das orquestras que podem esconder falhas individuais, aquela modalidade expõe os seus integrantes diante do público, tornando-se assim um excelente exercício tanto para os músicos quanto para os ouvintes.

Para a concretização deste projeto, Bianca contou com a colaboração de duas amigas, a violoncelista Charlotte Frank e a pianista Renée Devrainne Frank que, tal como ela, consideravam que a única forma de levar o público a apreciar música de boa qualidade e frequentar recitais e concertos era investir na área de educação musical. A iniciativa era, sem dúvida, bastante audaciosa, mas a partir do entusiasmo de Bianca e do estímulo de ex-



Trio Paranaense, composto por Bianca Bianchi, pela violoncelista Charlotte Frank e a pianista Renée Devrainne Frank.

Sociedade de CULTURA ARTÍSTICA Brasília Itiberê
apresenta o



Temporada de Verão
Artistas Paranaenses

Salão do Centro Cultural Inter-Americano

22 de fevereiro de 1946

às 21 horas

28.º Concêrto

Em homenagem

a

J. de Andrade

Muricy

Alguns programas de época do Trio Paranaense.



professores, colegas de profissão, amigos e familiares, as três integrantes decidiram, poucos meses após o retorno de Bianca a Curitiba, formar o grupo que ficou conhecido como Trio Paranaense e que se manteve em atividade até 1968. Embora, até o momento, não tenham sido encontrados documentos a respeito da motivação para a escolha do nome do grupo, é possível levantar a hipótese de que o mesmo tenha sido sugerido por um dos intelectuais ligados ao movimento paranista, já que apenas uma das integrantes do grupo nasceu no Paraná.

Outra lição importante que Bianca aprendera durante o período de sua especialização na Europa, foi que o primeiro passo para que um projeto desse porte obtivesse êxito era investir na sua divulgação. E as componentes do grupo procuravam fazer isso não só por meio da publicação de panfletos e notas jornalísticas, mas também através do “boca a boca”, focando especialmente os segmentos que circulavam pelos espaços culturais da capital paranaense. A estratégia deu certo. Em poucas semanas a notícia sobre a estreia do Trio, programada para o dia 15 de dezembro de 1932 na Sociedade Thalia, já estava circulando nestas redes de sociabilidade e a expectativa de assistir a um programa de “Música de Câmara”, integrado por musicistas de renome, era crescente.

Vale lembrar que Renée Devrainne, nascida na França em 1902, chegou ao Brasil aos nove anos de idade, em 1911. Em 1918, voltou para Paris onde concluiu sua formação na Escola Normal de Música de Paris em 1924. De volta ao Brasil iniciou carreira como professora e recitalista, realizando concertos na capital paranaense e cidades vizinhas.



Programa do Trio Paranaense.

Charlotte Frank, nasceu em Curitiba, no ano de 1903 e era filha do maestro Carlos Frank, instrumentista e professor de música. De acordo com Calzzani (2014, p. 33), recebeu do pai as primeiras lições de música e a partir dos 12 anos passou a frequentar o Conservatório de Música do Paraná, onde estudou violoncelo com o professor Caetano Barletta. A partir de 1921, teve aulas com o professor Wacław Radecki, com quem aprendeu sobre música de câmara. Como violoncelista, participava da orquestra do Clube Concórdia desde 1928.

Assim, como podemos ver pelo currículo das integrantes do Trio Paranaense, as três já atuavam profissionalmente na área musical e, portanto, estavam capacitadas a levar adiante o ambicioso projeto.

Tendo em vista a adesão de segmentos representativos da sociedade curitibana, Bianca e as colegas tomaram a iniciativa de propor a criação de uma lista de associados com o objetivo de garantir a presença de um público fiel nos eventos já programados pelo Trio. Ou seja, as pessoas que simpatizassem com o projeto proposto e quisessem garantir o seu lugar nas apresentações futuras, deveriam pagar uma taxa mensal de 5 mil réis², passando deste modo a ter o direito de assistir a todos os eventos promovidos pelo grupo. A lista de sócios, divulgada

² Nesta época, com 5 mil réis, era possível adquirir três ingressos para assistir uma peça teatral.

pelo jornal Gazeta do Povo, na véspera da estreia do grupo, continha 77 nomes, dentre os quais destacam-se figuras como o Cônsul da Itália, o maestro Romualdo Suriani, o pianista Raul Messing, o escultor João Turin e o jornalista Alceu Chichorro, cujos nomes aparecem ao lado de muitos outros ligados à esfera política e ao setor empresarial. Dentre estes, podemos citar como exemplo, o proprietário da fábrica de pianos, Frederico Essenfelder. No entanto, o que mais chama atenção nesta listagem é a presença de mais de uma dezena de mulheres curitibanas, cujos sobrenomes denotam o vínculo com a elite tradicional paranaense³.

A iniciativa de manter uma lista de associados perdurou durante os dois primeiros anos de atividade do grupo. A partir de 1934 até o encerramento das atividades do grupo, em 1968, não se tem notícias sobre a existências de sócios contribuintes e tampouco foram encontrados registros sobre a institucionalização de uma Sociedade de Amigos do Trio, conforme mostra o estudo de Calzzani (2014).

Além de contar com o apoio de simpatizantes, outro cuidado tomado pelas integrantes do grupo foi a elaboração de um repertório amplo e diversificado, condizente com a proposta de música de câmara e que efetivamente atendesse aos objetivos do projeto, que era de despertar o interesse da população pela arte musical.

Assim, o repertório selecionado por elas privilegiava aproximadamente 30 compositores, abrangendo o período do século XVIII ao século XX. Outro aspecto interessante era a preocupação das musicistas em apresentar ao público, no início de cada apresentação, informações sobre o contexto histórico e político no qual as obras a serem executadas haviam sido criadas, bem como a trajetória profissional de seus compositores. De acordo com o relato de Bianca, esta metodologia visava a formação musical de um público, que, de modo geral, não estava habituado a ouvir este tipo de música.

Sem esquecer nenhum detalhe, Bianca, Charlotte e Renée também investiram na criação de um figurino, que era composto por um elegante vestido de seda, na cor preta, cujo modelo foi idealizado pela mãe de Renée.

Após semanas de planejamento, finalmente, no dia 15 de dezembro de 1932, o público curitibano pode assistir ao primeiro concerto do Trio Paranaense, que teve lugar nos salões da Sociedade Thalia.

Conforme consta no programa, este primeiro concerto prestou homenagem à escritora paranaense Raquel Prado que naquele momento visitava a capital paranaense e esteve presente no evento.

Uma matéria publicada no Jornal O Dia, teceu vários elogios ao Trio, que foi descrito como “agremiação artística feminina, profundamente expressiva”, composta por Bianca, “virtuose” consagrada do violino, Charlotte, uma artista do violoncelo e Renée, uma exímia pianista.

Na sequência, o periódico destacou a qualidade do programa apresentado durante o concerto, que ofereceu ao público presente a oportunidade de ouvir obras de compositores canônicos como Ludwig van Beethoven, Franz Joseph Haydn, Henry Lazarus, Giovanni Battista Pergolesi, dentre outros. (O Dia 15/12/1932 p. 8).

³ Constam na lista de associados os nomes de Rute Pimentel, Risoleta Machado Codega, Ema Hauer, Amélia Naufal, Glady Vieira Cavalcanti, Leonor Garcez, Eunice Barcelos, Maria Olimpia Lisboa, Marta Silva Gomes, Hercília Machado Lima, Angelica Colle, Stella Amaral, Ofélia de Ferrante, Salva Rubens Assumpção e Berta Lange de Morretes. Jornal Gazeta do Povo, 14 de dezembro de 1932 ed. 4846, p. 3.



Renée Devraïne, Charlotte Frank e Bianca Bianchi.

No dia seguinte, o sucesso do evento, que lotou os salões da Sociedade Thalia, continuou sendo um dos assuntos mais comentados na imprensa local. A repercussão positiva desse primeiro concerto resultou em novos convites para apresentações do grupo não só em Curitiba, mas também em cidades como Joinville, Blumenau e Porto Alegre. Para se ter uma ideia, entre 1932 e 1934, o Trio realizou nove apresentações na capital paranaense, sendo todos os eventos “muito concorridos e apreciados”, conforme relato de Renée Devraïne (Calzzoni, 2014, p. 29).

Extremamente organizada, Bianca arquivou todos os programas dos concertos em que ela atuou. Um fato curioso, no entanto, é que nos programas do Trio aparecem numerações distintas para os eventos promovidos em Curitiba e para os concertos externos. Assim, ao consultar as centenas de programas disponíveis no acervo da Fundação Bianca Bianchi, ficamos sabendo que, em 11 de novembro de 1932, portanto um mês antes da estreia na Sociedade Thalia, o Trio já estava em atividade, uma vez que se apresentou em um evento ocorrido em homenagem ao aniversário do Rei da Itália, Vitor Emanuel III.

Do mesmo modo, no intervalo entre o primeiro e o segundo concerto, que ocorreu em fevereiro de 1933, o Trio fez várias apresentações externas nas cidades de Florianópolis, Joinville e Blumenau, que receberam outra numeração. Ou seja, somente depois de entender esta lógica, é possível acompanhar a intensa atividade do Trio ao longo de quase quatro décadas de existência. Em agosto de 1935, por exemplo, o interventor Manoel Ribas escreve uma carta agradecendo e declinando do convite para apresentação do 16º concerto do Trio que havia ocorrido em julho daquele ano. No ano seguinte, o programa de divulgação de maio de 1936 menciona que aquele era o 21º concerto promovido pelo grupo.

Nem mesmo durante o período da II Guerra Mundial, as atividades do Trio foram interrompidas. No momento em que o Brasil entrou na guerra, o grupo passou a promover concertos beneficentes de apoio aos pracinhas que estavam embarcando para combater na Itália.

Nessa época, as três integrantes do Trio já tinham uma carreira individual consolidada e o sucesso do grupo musical era reconhecido não só pela sociedade paranaense, mas também em várias cidades da região Sul do Brasil. O reconhecimento do público em relação à excelência do Trio Paranaense, não permitiu, todavia, que as suas integrantes deixassem de investir em novos repertórios. Conforme a narrativa de Bianca, durante as décadas de 1950 e 1960, o grupo musical continuou realizando “concertos bimensais, tocando solos, às vezes trio, sonatas, sempre apresentando algo novo” (Documentário Vultos Paranaense, 1995, apud. CALZZANI, 2014, p. 28). E complementa: “Fizemos verdadeiro trabalho de catequese, pois o público não estava ainda preparado para esse tipo de música. Nos programas sempre aparecia uma parte explicativa, falando sobre os autores e as obras apresentadas em cada recital.” (Revista Referência em Planejamento, 1980, p. 150, apud. CALZZANI, p. 28).

Ou seja, durante toda a carreira de quase quatro décadas, o Trio Paranaense manteve a coerência em relação a sua proposta inicial de ser um grupo musical voltado à educação musical.

Ampliação dos laços profissionais

A partir de 1934, Bianca ampliou o leque de atividades profissionais ao ser convidada a fazer parte do corpo docente do Instituto de Música do Paraná que, à época, era dirigido pelo maestro Raul Menssig.

Paralelamente, a partir desta mesma década, passou a integrar a Sociedade Sinfônica do Paraná, criada pelos músicos Antonio Melillo, Ludovico Zeyer e Romualdo Suriani, onde atuou como spalla⁴. Ou seja, desde que retornou da Itália, até a sua aposentadoria, em 1972, ela procurou conciliar as atividades artísticas com as funções de docência, além de continuar atuando em vários movimentos de mobilização da sociedade local que tinham como principal objetivo fomentar a criação de sociedades promotoras de atividades culturais.

Poucos meses após sua volta a Curitiba, Bianca envolveu-se ativamente com a Sociedade de Artistas do Paraná (SAP), instituição fundada em 1931, que mobilizou artistas plásticos, músicos e intelectuais em torno da ideia de ter um espaço próprio para exposições de belas artes, concertos e conferências, e acabou se configurando como um dos alicerces da futura Escola de Música e Belas Artes do Paraná. (TORRES, 2017, p. 82).

A diretoria da SAP, presidida por Alfredo Andersen e João Turin, contou com a adesão de número expressivo de associados, dentre os quais podemos destacar os nomes das três integrantes do Trio Paranaense, como também de outras figuras ligadas à área da música, tais como Alceu Bocchino, Antonio Melillo, Bento Mossurunga, Benedito Nicolau dos Santos, Hugo Barros, João Poeck, Ludovico Seyer, Raul Messing, Remo de Persis e Romualdo Suriani, além de outra representante feminina, a pianista Ignes Colle Munhoz (TORRES, 2017, p. 83).

4 Spalla é o nome dado ao primeiro violino da orquestra, que ocupa a primeira cadeira esquerda do maestro. Como principal violinista, o spalla desempenha papel importante, sendo responsável não só pela marcação das partituras assumindo também a ligação da orquestra com a gestão de responsabilidade no que diz respeito aos ensaios dos diferentes grupos que compõem a orquestra.

No campo específico da música, Bianca engajou-se, a partir de 1944, em outra luta que foi a criação da Sociedade de Cultura Artística Brasília Itiberê (SCABI), sociedade civil, sem fins lucrativos, “que atuou na cidade de Curitiba entre os anos de 1945 e 1976, promovendo concertos e recitais de música erudita, palestras e cursos ligados ao desenvolvimento da cultura musical na capital paranaense (CARLINI; MEDEIROS, 2011, p. 12).



Bianca como docente em formatura na Escola de Música e Belas Artes.

Tendo como objetivo a educação artística e formação de plateia em música erudita, o grupo que estava à frente deste movimento fundou, em 1946, a primeira orquestra sinfônica erudita de Curitiba, que ficou popularmente conhecida como Orquestra Sinfônica da SCABI.

Ao lado das amigas Charlotte e Renée, Bianca integrou essa orquestra desde a sua origem. Cabe destacar ainda que, além das atividades profissionais desenvolvidas no interior da orquestra, Bianca e Renée também exerciam o papel de assessoria de imprensa, redigindo artigos que eram publicados nos periódicos locais com o intuito de divulgar a programação da SCABI.

O papel desempenhado pela Orquestra Sinfônica no sentido de dar maior visibilidade à arte musical, somado à mobilização de artistas e intelectuais que, desde o início a década de 1930, estavam engajados em torno da ideia de criar uma instituição de ensino superior voltada para às áreas de Música e Belas Artes, culminou com a fundação da EMBAP, Escola de Música e Belas Artes do Paraná, em 1948. E, uma vez mais, Bianca esteve presente na estruturação da nova escola, cujo projeto fora confiado ao músico Fernando Corrêa de Azevedo, fazendo parte do grupo docente desde 17 de Abril de 1948, data de início das atividades acadêmicas daquela instituição⁵.

Em dezembro de 1960, Bianca foi nomeada pelo poder executivo do Estado do Paraná para o cargo de professora catedrática na cadeira de violino e viola, na mesma data em que Renné Frank e outros colegas como Bento Mossurunga e Guido Viaro também ascendem ao cargo de professor catedrático (DECRETO N. 34390, de 2/12/1960).

Foi na condição de professora catedrática que Bianca continuou exercendo a suas funções docentes e administrativas junto à EMBAP até a sua aposentadoria em 1972. A aposentadoria, no entanto, não a afastou da sua paixão pela música. Pelo contrário, liberada dos compromissos acadêmicos, Bianca pôde investir na sua carreira, pois tinha mais tempo

5 Na área de música, Bianca teve como colegas, nessa primeira equipe, os seguintes professores: Hugo Antônio de Barros, Prudência Ribas, Luiz Eulógio Zilli, Altamiro Bevilacqua, Lício Lima, Guilherme Carlos Tiepelmann, João Poeck, Remo de Persis, Iolanda Fruet Corrêa, Jorge Frank, Edgard Chalbaud Sampaio, Ludwig Seyer, Renné Devraïne Frank, Natália Lisboa, Bento Mossurunga, Alceu Bocchino, Francisco Stobbia, Benedito Nicolau dos Santos, João Ramalho, José Coutinho de Almeida, Margarida Solheid Marques, Raul Menssing, Inez Colle Munhoz, Jorge Kaszás, Margarida Zugueib, Severino D'Atri e Charlotte Frank.



Alguns momentos de Bianca Bianchi no ensino do instrumento violino ao longo de sua trajetória profissional e artística.

para estudar e atender aos convites para apresentações e para continuar ministrando aulas particulares, atividade à qual ela se dedicou até poucos anos antes da sua morte, em 2002.

Durante as aulas, uma das primeiras lições que Bianca ensinava aos seus alunos e alunas era que o principal requisito para aprender a tocar um instrumento era a perseverança, pois ter aptidão para música, dizia ela, não bastava. Era preciso, antes de tudo, ter disciplina e dedicação.

Para as várias gerações de alunos que, pouco ou nada sabiam sobre o seu percurso como estudante de violino, esse discurso poderia soar apenas como mais um dentre tantos conselhos que os professores costumam dar aos estudantes para que estes obtenham êxito no processo de aprendizagem. Contudo, quando nos aproximamos um pouco mais da sua trajetória de vida, percebe-se claramente que, ao dar este conselho, Bianca estava falando da sua própria experiência como mulher e como violinista. De alguém que teve coragem e entusiasmo para enfrentar os obstáculos e conquistar espaço em uma área profissional ocupada tradicionalmente pelo gênero masculino.

Referências Bibliográficas

- CALZZANI, José Augusto Junqueira. **O Trio Paranaense (1932-1934):** análise histórico musicológica da entidade feminina promotora da música de câmara na capital paranaense. Monografia. UFPR. 2014.
- CARLINI, Álvaro; MEDEIROS, Alan Rafael de. **Música Sinfônica em Curitiba na década de 1940:** a atuação da Orquestra Sinfônica da Scabi (1946-1940). Anais do VII Fórum de Pesquisa Científica em Arte. Curitiba, Embap, 2011.
- CONCERTO inaugural em homenagem à brilhante escriptora Raquel Prado. **Jornal O Dia**. Curitiba, 15/12/1932. p. 8.
- FREITAS, Danielle Gross de. **Entre ofícios e prendas domésticas:** a Escola Profissional feminina de Curitiba (1917 – 1974). Dissertação de Mestrado, UFPR. 2011.
- MEDEIROS, Alan Rafael. **Sociedade de Cultura Artística Brasília Itiberê (SCABI):** Promoção da música sinfônica erudita em Curitiba por meio da Orquestra Sinfônica da SCABI (1946-1950): Dissertação, UFPR, 2011.
- PARANÁ. Decreto n.34390 de 2/12/1960. Nomeação de Bianca Bianchi para o cargo de Professora Catedrática na Cadeira de Violino e Viola. **Diário Oficial**. Curitiba: Departamento de Imprensa, 29/12/1960.
- SANTANA, Luciana Wolff Apolloni. **Escola de Belas Artes e Indústrias do Paraná:** o projeto de ensino de artes e ofícios de Antônio Mariano de Lima - Curitiba, 1886-1902. Dissertação, UFPR, 2004.
- TORRES, Renato. **O conservadorismo moderno na estruturação do projeto da Escola de Música e Belas Artes do Paraná (1910-1950).** Tese, UFPR, 2017.



Roseli Boschilia, Historiadora

Roseli Boschilia é mestre e doutora em História pela Universidade Federal do Paraná. Atua como professora dos cursos de graduação e pós-graduação do Departamento de História, da UFPR. Seus principais interesses de pesquisa estão voltados aos temas ligados à história do Paraná e aos movimentos migratórios, com ênfase nas questões relacionadas às relações de gênero, à história e à memória. Com vasta produção bibliográfica, em suas publicações mais recentes, a autora tem se dedicado a refletir sobre a importância das fontes autobiográficas deixadas por homens e mulheres comuns, cujos testemunhos podem ser encontrados não só em documentos pessoais, como cartas e diários, mas também a partir de entrevistas e de fontes literárias. Entre as publicações mais recentes destacam-se artigos como “Entre o balcão e os livros: narrativa autobiográfica de um caixeiro aprendiz” (2019); “Quando emigrar é preciso: narrativas autobiográficas sobre a diáspora haitiana” (2019) e “Uma história difícil de ser contada: a experiência do deslocamento forçado e os dilemas da memória e do esquecimento (2021).